

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ  
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA  
Redacção da Confederação Geral do Trabalho  
Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA  
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores  
Redacção, Administração e Tipografia  
Calçada de Cimbra, 38-A, 2.º — LISBOA — PORTUGAL  
TELEFONE—5339-6  
Officinas de Impressão—Rua da Atalaia, 111 e 113

A máscara que durante três dias se des-  
sativelou do rosto de tanta gente, voltou  
a ocupar o seu lugar afim de prosseguir  
o carnaval da vida

## Balanço sumário O poder do homem infernal Os produtores e os parasitas

Três dias de miséria, de mendicidade,  
de estupidês — eis em síntese o car-  
naval que passou

O balanço sumário dos três dias de carnaval dá matéria para reflexões. E de todas essas reflexões se extrai facilmente a conclusão de que não se divertiu, nem quer — mas sim quem pode, três dias, estupidês, frios, rápidos provam demasiadamente a verdade. Do esforço que se fez para afazer para se divertir só ficou um extenuamento e um amargo e tardio arrependimento.

Acentuámos ontem a impressão de miséria dolorosa que notámos na maioria das falhadas pândegas navalescas. Para melhor se chocar o fundo dessa pobreza e essa tristeza seria curioso fazer inquirido pelas casas de pobres, por exemplo. Foi em grandíssimo o que a elas recorreu para procurar distrair-se durante este período da sua vida dolorosa e miserável de todo o mundo.

Imagine o leitor o que será a vida daqueles que vivem da produção para a cidade, na esperança de nela vir a ganhar a vida com um pouco de esforço.

Gente que abandonou o campo para a escravidão violenta dos produtores; gente que não tem a menor preparação para a vida comercial ou industrial; gente que a sua maioria nem lê sabe; gente que tem um ofício.

São esses provincianos desprovidos e desprevenidos que vêm para a cidade em busca dum trabalho que só na sua imaginação, quem nestes folgores por da da gente pobre, mais se evidencia. Gente sem cultura e gente que não tem o menor resquício dum ideal e disso se segue forma a mais rudimentar das ideias.

O carnaval foi uma exposição glorável dessas misérias.

Comovia essa gente que preten-

as mais sensacionais revelações políticas  
dos últimos 102 anos

O «Homem Infernal» foi-nos apresentado esta tarde. Não o conhecíamos nessa satânica qualidade e convencidos estávamos exactamente do contrário. E que esse que nos apareceu afirmando ser um «homem infernal» tinha todo o ar dum pobre diabo. Todos os dias passava diante desta redacção. Cumprimentava-nos, sério e fazia-nos com a mão direita um sinal que indicava que esperássemos. Esperásemos? Pois sim. A gente esperava. E todos os dias olhávamos quasi com piedade esse homem gordo, adiposo, expressão infantil que trazia nos olhos um contentamento intelectual e nos lábios um charuto fétido.

Anteontem apareceu-nos vestido de jornalista amador. Trazia vários linguinhos em branco — a nome de vários jornais escrito a preto na testa alta e rosada.

—Que pretende o meu amigo? — interrogámos quando ele transpôs a porta socegada da nossa bulevar redacção.

—Sou o «Homem Infernal» — disse-nos ele. Mas para disfarçar maior, recelo que me descubram, intitular-me-hei simplesmente: o «Homem Infernal».

Achamos legítimo o seu raciocínio e de jornalista amador — jornalisticamente seu disfarce. Ele disse-nos ainda que vinha de tomar as notas parlamentares, apesar de ser segunda-feira de Carnaval. Acreditámos. Ele sorridendo, expoz-nos o fim da sua visita: — agradeço-nos terem esperado por mim. Trago-vos as mais sensacionais revelações dos últimos 102 anos. São cartas, não escritas por mim. Não sei escrever. Sou apenas um amador. Pertencio à nova geração. As cartas que eu trago não são minhas. São do António Maria da Silva e do Raul Monteiro Guimarães. Passam a ser voas suas queridas publicarem. Não tem data mas percebem-se que foram escritas quando o primeiro estava no Terreiro do Paço em presidente do ministério.

O «Homem Infernal» despediu-se, depois de ter fumado dois charutos que fizeram recuar para a tipografia todos, menos um, dos que se encontravam na redacção. Passamos a publicar as cartas que ele nos deu com um assunto triste em segunda-feira «gorda»:

Meu caro Raul Monteiro Guimarães, illustre director da Moagem

O Cunha Lial devia, com a sua atitude de atacar os patrões, no jornal dos patrões, e recebendo o ordenado dos patrões, deixar-nos num estado deplorável. Vocês, tam famosos escamoteadores, foram desta vez escamoteados e concordemos que o foram com altivez e fina argúcia.

Precisam vocês um director para o «Século»? De certo que precisam. Mas, e isso vos queria otemporar, exige um cauteloso e metuculozo cálculo para que não suceda nova decepção.

Permiti que a minha experiência de nomeações — ninguém sabe, nem melhor nem com mais oportunidade escolher um ministro, um governador civil ou um agente provocador de revoluções — vos aconselhe. Em primeiro lugar tendes de vos definir politicamente. As vossas opiniões são norteadas pelos nossos interesses industriais e monopolistas.

Vocês tem «O Diário de Notícias» que se colocou no campo da independência em matéria política — a semelhança dos deputados independentes que o deixam de ser quando eu ou outro qualquer precisam deles para organizar um ministério.

O «Século» tem de ser órgão do partido democrático. A maioria do público convencionalmente — que não tem opinião e para essa há «O Diário de Notícias». A maioria política no parlamento, o partido democrático, O «Século» defendendo o partido democrático, está com a maioria. Sendo O «Século» da Moagem de que

Os trabalhadores quando reconhecerem o seu verdadeiro lugar como produtores também reconhecerão o campo oposto em que se mantêm os parasitas. Parasitas são todos aqueles que se ocupam em coisas dispensáveis. Não somente os que vivem de braços cruzados desde o berço ao túmulo. Ao contrário, a burguesia, taxa de parasitas aqueles que não trabalham por não encontrarem aonde; mas a mesma burguesia covardemente se apoderou das terras, minas e de toda a riqueza social. A burguesia assestou-se das terras e do trabalho pôs empechilhos aos que querem desenvolver-se e, claro está que o progresso dependendo do desenvolvimento, a burguesia é anti-progrezista. A burguesia, traíçoira e mentirosa como é, ludibria os trabalhadores com mesquinhas promessas e vem desde há muito fortificando o seu estado; como se vê, com juízes, comissários, carcereiros, delegados e todo o funcionalismo parasitário. Os verdadeiros progressistas são os trabalhadores, pois são eles os verdadeiros produtores. Sendo assim, companheiros operários, deveis unir-vos em sindicatos, de sindicatos em federação, de federação em confederação até chegar à Internacional. É necessário estas organizações adoptem um critério liberal, pois só assim poderão assestar o lugar que vos cabe na sociedade.

Claro está que certos dos lugares que vos cabe não deixareis existir os parasitas que proliferam em formas diversas e que, como representantes da política internacionalista desmoralizaram-se, ou tanto ocorrendo com os opositores; pois comem no mesmo côco e, como eles, mentem descaradamente. Os que se dizem socialistas, parlamentares, desmoralizam-se também, pois são impotentes e tão mentirosos quanto os primeiros e os segundos. Não deixam de ser uns parasitas.

Os socialistas de Estado, estão em um terreno oposto à igualdade; sustentam classes superiores e inferiores, tem funções estatais, como qualquer regime burguês, usam os mesmos processos empregados pela burguesia, pois precisam para o seu sustento: dinheiro, chefes, sub-chefes, soldados, agentes, etc. Ocupando-se estes indivíduos em coisas dispensáveis são parasitas também.

Vamos ao caso. Ocsões há em que alguém diz: cada qual pucha para seu lado; porém, não é assim! Nós reconhecemos a necessidade de acabarmos com o parasitarismo. Sendo assim vimos a campo dizer claramente quais são os parasitas e quais são os produtores.

Os parasitas hoje, favorecidos ao regime capitalista inventam congressos de previdência e mutualidade, meios estes de melhor ludibriar os trabalhadores. Nós, que pômos as vistas ao longe, verificamos que nenhuma dessas aspira-

ções tendem a melhorar as miseras condições do proletariado. Mesmo existindo alguns destes vampiros que pense em tal melhora não a pôde realizar e, além de tudo, essas mesquinhas não satisfazem as necessidades do povo.

Isto prova que o desenvolvimento da burguesia é feito por meio de mentiras. Dizem eles, os burguezes, consigo mesmo: enquanto estes Jécas estão iludidos à espera dessas melhorias, nós estamos socegados na nossa ociosidade. E quando perderem as esperanças deste truco, lançaremos outros de mais astúcia e assim vamos embrutecendo-os. Caso surja algum destes salientes que queira combater a nossa mentira temos delegados, policiais, soldados... todos estes, que são nossos guardiões, mandamos prender ou matar ou o que achirmos conveniente na ocasião.

Os socialistas de Estado também procuram enganar os trabalhadores com o título de «Comunismo», embrutecendo os trabalhadores, levando a muitos destes manifestarem-se contrários à igualdade e liberdade. Para melhor enganar, eles dizem não de todos os processos. Dizem que há necessidade de uma ditadura proletária com o fim de mas carar a burguesia.

Na ocasião em que o trabalhador, pela sua ingenuidade se torna crente nos novos papas, estes procuram entusiasmar outros operários, prometendo-lhes os postos de comissário do povo, para tomar conta dos palacetes habitados hoje pela burguesia e tirar os infelizes trabalhadores que acoçados pelas mesmas castas parasitárias, têm deixado de ir aos sindicatos, inutilizando os esforços dos seus irmãos de sofrimento para melhor conquistar a sua emancipação política e económica.

Encarando-se bem para a atitude destes, vê-se e encontra-se o grande erro, pois ensinam os trabalhadores a assumirem o lugar da burguesia e deixarem de serem produtores para serem parasitas. São estas as razões que nos fazem contrários a este regime.

Os trabalhadores só poderão repelia estas falsidades orientando-se nos sindicatos libertários pois é o meio mais próprio de criar-se Unões e fazer com que os indivíduos se tornem autónomos nos sindicatos. Estes não fazem escravos nem senhores, mas sim indivíduos confraternizados, trabalhando para uma sociedade igualitária, uma sociedade sem patrões nem amos. Partindo do indivíduo a Internacional é como podemos derrubar o último Estado. Nos sindicatos, temos necessidade de desenvolver a propaganda libertária, pois é ela quem melhor traz a compreensão aos trabalhadores do que é ser produtor e o que é ser parasita.

Primitivo CAETANO

## NA ESPANHA

### ditadura do ódio e do crime

O despotismo que reina no país  
visinho não pode perdurar  
indefinidamente

Ver-se em Espanha uma tirania feroz, imposta por Afonso XIII e seus sequazes e a crápula e soldadesca capitaneada pelo abel e nescio Primo de Rivera; indúdo sem escrúpulos, sem capacidade de inteligência. Toda a sua eloquência, audácia e energia, consistem em levar o despotismo e ao cadafalso, res inocentes e irresponsáveis.

A violência é constante, a tem imputa como sistema; diariamente busca a domicílios de companheiros e são conduzidos «a la carcel», onde número de fêlas, ficando como é supor as suas famílias na maior miséria e desesperação.

Este martirio dos que lutamos por uma sociedade de Paz, Amor e Justiça, é superior a todos os que conhecemos na História da Humanidade. Os filhos de dor de nossas mães e companheiras queridas produzem mais sofrimento em nossa alma que todos os martírios porque nos possam fazer passar os furores militares.

A experiência nos tem vindo demonstrando, que, enquanto existirem militares com as suas escolas, existirá o

criminoso nato de que tanto nos falou Lombroso. Para cometer toda a casta de barbaridades e selvagerias que já todo o mundo conhece, as quais ainda continuam, os políticos tiveram que se valer deles.

Por uma implacável e tenaz censura, está de tal forma afogada toda a expressão de pensamento, que a não por-se-lhe termo duma maneira rápida e enérgica, os depravados e despotas militares com «el africano» à frente, acabam com o pouco espírito cívico que nos resta, transformando este desgraçado país num povo idiota, ignorante, insensível e supersticioso, como esses imorais militares prosseguirão a castigar de mussolinismo todos os povos que não estejam preparados para o impedir; para evitar essa contagiosa epidemia tirânica e reaccionária, chamamos a atenção de nossos irmãos para que estejam alerta e não deixem impôr aquilo que a cobardia e inconsciência dos espanhóis consentiu, para sofrimento e amargura dos que amamos por uma sociedade mais justa, mais humana e mais libertária que a presente. E ela virá para o que muito concorrem as ditaduras, sejam militares ou comunistas.

Barcelona, 25-2-1924. — R. M.

## Sêlo pró-«A Batalha»

Interessantes e artísticos sêlos, impressos a 2 côres, que A Batalha lançou para serem afixados nos lugares públicos, correspondência, etc

MODELOS JA PUBLICADOS



Carta com 100 sêlos. 1\$00

## O congresso das escolas industriais realizar-se há este ano

Os alunos fazem reclamações de carácter moral, social e igienico, além das  
que interessam à sua educação profissional e técnica

Em meados do ano corrente deve realizar-se em Coimbra o 2.º Congresso das Escolas Industriais e Comerciais do país. Para este congresso se concentram os esforços da sua comissão organizadora, sendo legítimo esperar-se da magna assembleia, constituída por filhos de trabalhadores, os mais resultados, que venham contribuindo para o êxito completo da obra iniciada brilhantemente pelo 1.º congresso.

A cerca dos intuitos do 2.º congresso tivemos ensejo de ouvir um dos membros da comissão organizadora, José Manuel da Costa. A conversação decorre com muito interesse. O nosso entrevistado fala com entusiasmo evidente.

—Este congresso foi uma aspiração das populações escolares, que marcaram a sua directriz no sentido da coordenação de esforços, para manter entre si a boa amizade, unidade e método, sem o qual não é possível trabalho produtivo.

—Quais as aspirações dos alunos?

—Quando a nós, o ensino técnico precisa de firmar-se, para o seu desenvolvimento, nos seguintes pontos: Ser obrigatório o ensino técnico industrial elementar para todos os operários dos estabelecimentos fabris do estado; criar-se, junto das Escolas Industriais, cursos noturnos e diurnos de mestres de oficinas para operários, que tenham de exercer as funções directivas nos estabelecimentos fabris do estado, e, finalmente, tornar obrigatório o ensino técnico industrial e comercial para todas as profissões da indústria e do comércio.

—Quanto às alunas...

O ensino técnico assim constituído deve ser extensivo à mulher, porque não se pode compreender a anomalia das distinções de sexos, que as sociedades presentes condemnem e que não, operações, primos para se não manterem seja qual for a manifestação devida.

—Com que recursos contam para o prosseguimento da obra?

—Existem muitas dificuldades e poucos recursos. As principais dificuldades, hoje existentes no ensino, residem principalmente na falta de edifícios próprios e material didático. Professores, temos-los nós, mas o que poderá fazer um bom mestre se tudo lhe falta ou escasseia?

—Pode dar-nos um exemplo?

—Ai vão, dos mais flagrantes. A Escola Comercial de Ferreira Borges (Lisboa) com frequência de cerca de 1300 alunos e com tendência crescente, não tem desde a sua fundação edificio próprio, apesar de ter sido fundado em 1894 por uma instituição particular, cedido ao Estado e por este considerado de utilidade pública. A Escola de Almeida de Sousa, de Viana do Alentejo, tem o seu edificio escurado pois que meca ruína pondo em risco a vida daqueles, que se vêem na necessidade de ir ali buscar a instrução.

Na Escola Comercial de Oliveira Martins (Pórt) há aulas sem condições higienicas, pequenas e acanhadas para a frequência, que esta Escola comporta.

As Escolas Comerciais de Veiga Beirão, Industrial de Fonseca Benevides e Preparatória de Rodrigues Sampaio estão instaladas em edificios impróprios, sem condições de luz e conforto. E como estas muitas outras por esse país fora...

—Faltou no material didactico...

—Vai ouvir. Todo nos falta, as verbos são insuficientissimas para as despesas elementares e não podem comportar as despesas absolutamente necessárias para adquirir os que nos falta. Escolas há sem mapas actualizados, sem carteiros nem estantes!

No ensino industrial há anomalias que devem ser imediatamente anuladas

Concatenando as suas considerações, o nosso camarada prosseguiu:

—As anomalias existentes nestas escolas prejudicam-nos seriamente.

Para nós alunos das Escolas Industriais e Comerciais, torna-se obrigatório o exame de admissão, quando a aluna de Escolas com programa semelhante essa admissão é facultada sem essa obrigatoriedade.

Estas excepções são dificuldades acarratam; porquanto a alunos das Escolas Industriais, já a admissão livre nos foi facultada, realia que foi abolida na última reforma do ensino técnico.

—O que pretendem, então?

—Remodelação e programa das Escolas Elementares do Comércio de maneira que nos três anos do respectivo curso sejam acrescentadas às actuais disciplinas as que lhes possam servir de base de preparação para a frequência dos Institutos Comerciais: História, Principios de Física e Química e Elementos de Algebra. O ensino da história deve ser a base do estudo na língua pátria. Desdobramento da Arithmetica Commercial em dois anos com três aulas por semana. No segundo ano desta disciplina dar-se-iam principios de Algebra. Os principios de Física e Química deveriam ser ministrados no terceiro ano com as noções de Tecnologia Commercial e Mercadorias em cinco aulas semanais, e a disciplina de caligrafia, que se encontra no 2.º ano deveria passar para o 1.º ano. Assim, teriam as

quinze horas de trabalho semanal no primeiro ano, vinte no segundo e dezoito no terceiro.

—Por esse país fora há uma infinidade pavorosa de tabernas e muitos outros antros, onde se vendem vinhos finos e licorosos, clubes de toda a espécie, que a toda a hora propagam a immoralidade e a devassidão. A isto se junta o cinematografo incitando à prática do crime, fora da sua missão educativa. Escolas há que estão bloqueadas de tabernas, algumas nos próprios edificios. Isto é antinatural e não tem de educativo.

—Como pensam combater toda essa immoralidade?

—Exigindo a proibição de abertura de novas tabernas e a frequência por menores, das tabernas, dos clubes, sociedades de recreio e cinematografos.

Abordámos um assunto muito grave — a da hygiene social. O nosso entrevistado esclarece:

—Há falhas que hoje são julgadas como grandes necessidades e nesse caso estão as aulas de Hygiene Social e Legislação Social. Quanto à primeira, basta citar os cancores sociais como é a sífilis, alcoolismo e a tuberculose. Não é preciso dispêndio de verbos, basta para isso que os médicos escolares façam um pequeno curso sobre hygiene social, podendo ser ministrada em qualquer das aulas já existentes.

—Acêrca das bibliotecas...

Em Portugal são poucas as instituições, que podem manter as bibliotecas, dada a carência do livro. Mas quasi todas as escolas tem as suas bibliotecas, quantas vezes só para uso do professorado. Nós alunos, que precisamos de instrução, reclamamos que estas nos possam ser também facultadas afim de completarmos a nossa educação.

A fechar a entrevista, José Manuel da Costa expôs-nos as reclamações dum alto significado moral e social, que os alunos das Escolas Industriais apresentavam.

## Contra a carestia da vida

Um comício em Alpiarça

As classes operárias de Alpiarça libertaram efectuar um comício publico contra a carestia da vida e consequentemente contra os assombreadores e ladrões comerciantes.

Para esse effeito já se realizaram várias reuniões, devendo o comício publico realizar-se dentro de breves dias.

## CARNAVAL

### O ultimo e irrevogável dia

O disfarce do Sotomaior — Os que se divertem — «Jazz-band» numa igreja — Ultima nota

O último dia foi igual ao primeiro e ao segundo. A segunda-feira gorda foi uma insipidez, sem animação, o domingo anterior uma insipidez com alguma animação que se repetiu no último dia que foi o de ontem.

O redactor voltou a correr as ruas na intenção de procurar notas que caracterizassem o carnaval. Ao voltar, disse-nos que trazia poucas notas acrescentando que a culpa não era dele mas sim do carnaval. Acreditámos e enviámos à tipografia as notas que eles nos deixaram.

No Chiado que é onde o carnaval excepção feita à Avenida, costuma ser mais intenso, quasi não houve carnaval. O que houve foi uma espécie de combinação reveladora dum bem notável falta de gesto:

Quasi todas as meninas de 10 a 50 anos deliberaram vestir-se à moda do Minho.

Mas de tal modo se vestiram que um minhoto que me acompanhava asseverou-me que nunca aqueles trajes se usaram no Minho. Acreditai. Aquilo não era gente vestida à moda do Minho — era gente vestida de impossível.

Passou uma rapariguinha vestida de tiras de papel de cores desagradáveis. Trazia as botas rotas, a cabeça cheia de feridas, o rostosinho miúdo e apagado pela fome. Mais uma que se divertia...

No hotel Borges havia uma menina talvez de 20 anos vestida de castelhana, com um capacete romano na cabeça, uma folice de camponesa num braço, um relógio de pulso, umas botas à 1924 e umas meias de alpista. De que estria vestida esta menina?

Alguns rapazes novos, modinhos afeccionados vestidos de espavento grotesco admiraram-na de olhos em alvo. Estes estão literalmente vestidos de estupidês. No resto do ano usam o mesmo traje. E' o carnaval intermitente.

O sr. Sotomaior banqueiro atravessava rapidamente o Chiado, apesar de vir bem disfarçado, reconheceu-o sem dificuldade. Sabem de que ele se disfarçou? Duma maneira curiosissima. Vinha vestido como nos dias normais, mas trazia nos lábios um sorriso de desin-

teresse e bondade. Nós, demos log com o disfarce e gritámos-lhe:

— Bem te conheço. E' o Sotomaior, vai despir o sorriso que não tem graça.

Intervio o sr. Ferreira do Amaral que trazia uma busina de automóvel. A burguesia: fez pó pó pó e logo 114 policias acorreram.

O sr. Amaral prometeu-lhes aumento de vencimentos e disse-lhes que não embainhassem os sabres sem honra. Os policias avançaram para nos agredir enquanto o sr. Ferreira do Amaral gritava entusiasta: «Por Portugal e São Tiago». O redactor de A Batalha confessou que fugiu — para não ser morto.

Dirigimo-nos à Avenida. Os arames impedem o ingresso nos passeios da Avenida da Liberdade. Um escudo por peão, sem ser... à unha. A actriz Sata-nela nem mesmo disfarçada em papoia nos escapou. Alguem ao meu lado ofereceu-lhe «grog» quentes.

Um garoto saiu do passeio marcado pela assistência do governo civil, para apañar um saquinho, logo um policia o persegue, dando-lhe uma escovada. O sr. Ferreira do Amaral repreendeu-o: «Numa criança não se toca nem com um cocote».

Nota curiosa do Carnaval: houve missa na Igreja dos Mártires. Estavam trêz «pirotos» um homem vestido de mulher, o sr. Fernando de Sousa, «Nemo» disfarçado de Pio XI, duas «velhas alcoviteiras» a fingir, uma brata sério e o padre vestido de padre. Brincou-se e dançou-se animadamente, tendo havido um interessante «jazz-band».

Ultima nota: nada digno de nota a não ser o aborrecimento do

O «espreve» do redactor.

C. G. T.

Comité confederal

Reúne hoje, pelas 20 horas para apreciar e deliberar sobre um assunto urgente.



## DE TERRAS DE AFRICA

## Os donos das colónias

Enquanto os empregados da Companhia do Niassa definham à falta de tudo, o estado financeiro :: da empresa é cada vez mais próspero ::

## Uma greve contra a exploração dos negreiros

Os empregados da Companhia do Niassa declararam-se em greve, em virtude da insuficiência dos seus vencimentos, fazendo distribuir um manifesto, do qual vamos transcrever uns períodos para se ficar sabendo como vivem aqueles que nas plagas africanas consomem a sua existência e como as companhias exploradoras conseguem amontar fortunas para os felizes accionistas se banquetearem faustosamente.

Além disso, a Companhia do Niassa há europeus com o vencimento de 140000, manifestamente insuficiente — sequer! — para a compra do pão de cada dia. Há chefes de circumscrição ganhando menos de 50000 mensais, e os ordenados dos chefes de serviço limitam-se a 150000-15000, são risíveis inferiores aos que percebem os mais modestos funcionários do Estado e da outra companhia magesitica da provincia.

Para de certo modo atenuar esta vergonha e esta penúria (porque é a mais crua e autêntica penúria que os empregados arrastam a sua vida vegetativa, alguns havendo que não comem pão e outros que se alimentam quasi exclusivamente de peixe) concedeu-se aos empregados em Julho de 1922 a faculdade de requerer terrenos e fazer culturas. Avultando-se imprudentemente os benefícios desta concessão, que todos os agricultores sabem ser precária e incerta nos seus resultados, tem continuado a ser contratados funcionários em Lisboa, os quais chegam aqui na doce e illusoria convicção de que um punhado de gergelim atrairá negligentemente a terra equivalendo para eles à conquista do «El-dorado»!

Pois bem: até esta concessão miserável, muito menos efectiva em vantagens do que a primeira vista poderia supor-se, foi há pouco retirada. E fez-se isto extemporaneamente, por ordem de Novembro findo, sem respeito pelos direitos adquiridos, quando as despesas de preparação de terrenos eram já avultadas e sabendo-se ou devendo saber-se que os empregados, ganhando menos do que a sua estrita subsistência exige, haviam recorrido necessariamente ao crédito!

E porque? Porque os agricultores protestaram? Mas, se assim foi, porque não fizeram subir os seus protestos ao Governo dos Territórios? Se acaso foram cometidos abusos, porque não denunciaram os delinquentes?

A agricultura dos Territórios? Se está ainda na infância, se ela sozinha agora a custo os primeiros vagidos, como poderia ser lesada e formular protestos? Não pretendemos, de resto, penetrar o mistério que levou a Administração a revogar em Novembro findo a autorização concedida em Julho do ano passado. E soberana — dispõe como quer e quando quer.

Temos todavia o direito de exigir que os nossos legítimos interesses não sejam lesados. E do direito mais elemental: o autor duma lesão indenisa o lesado. E' forçoso concluir. Depois do exposto, poderá julgar-se que a Companhia — que justicadamente se vangloria das suas receitas cobrindo largamente as suas despesas — tem despendido o saldo em grandes empreendimentos e melhoramentos materiais. Engano! Apesar de ter os seus empregados miseravelmente remunerados, apesar de faltar

em absoluto a assistência médica à população europeia e asiática, e aos indigenas — simples matéria colectável — apesar de todo isto, o atraso dos Territórios é completo, integral, inconcebível. O lobo dispõe dum hospital — que é uma ficção, nem essa ficção existe. Não há uma enfermaria para indigenas. Não há um acompanhamento para serviços concentrados em Porto Amélia. Não há aqui uma escola. Não há médicos. Há um único farmacêutico no lobo. Não há ambulâncias nos postos. Faltam enfermeiros. Estradas, há apenas as que as expedições militares abriram — e mal conservadas. Só agora se começou a construção dalgumas pontes.

A linha telegráfica do litoral está reduzida a metade da extensão que já teve e as interrupções são constantes, devido às inacreditáveis deficiências da sua montagem. Não há rádio-telegrafia nem ligação com o cabo submarino. Escasseiam casas de habitação higiénicas e para a conveniente instalação dos serviços. Estes carecem de imediata remodelação, bastando frisar que há apenas um agrimensor, não existe repartição de Obras Públicas, nem de Agricultura, nem de Veterinária, só agora se criou a Secção de Contabilidade e nunca foi organizado o orçamento anual das receitas e despesas!

O caminho de ferro e a maioria dos melhoramentos e obrigações impostos pela Carta Orgânica não passam de rissonhas utopias. Utopia é ainda a Escola de Artes e Officinas criada (no Boletim de Maio de 1920). O serviço de transportes está exclusivamente confiado ao dórso do indigena. Não há uma missão portuguesa. Os quadros dos diversos serviços estão incompletíssimos. Não há redes telefónicas. Não há balsagem nos portos. A frolagem da costa provoca os protestos da navegação. Não há fiscalização marítima. Não há um sistema de esgotos em localidade alguma. Não há iluminação pública. Não há canalização de águas, sendo o abastecimento feito ainda pelo tradicional processo do barril... as costas do preto.

Que admira, pois, que o estado financeiro da Companhia se accentue cada vez mais próspero, se tudo aqui está, excepto os impostos, que sobem constantemente? E, perante este atraso, que admira que o comércio se não desenvolva, que a industria se não estabeleça e que a agricultura seja simplesmente um arremedo?

O nosso movimento — reparem nisto todos os portugueses de boa-fé — é de defesa dos interesses dos empregados, mas visa também e principalmente os interesses gerais e superiores da colectividade. Esta parcela importantíssima do património nacional não pode ser esquecida ou abandonada. Chamamos para o que no Niassa se tem passado e se está passando, a atenção dos poderes do Estado e da Nação, convictos de que assim cumprimos honradamente o nosso dever de portugueses.

Sobre todos os pontos versados neste manifesto, incidem as reclamações dos empregados perante a Companhia. E' fortalecidos pela certeza da justiça que nos assiste e da nobreza da causa em que nos empenhamos, que indefectivelmente lutaremos até à vitória final, considerando-a já inevitavelmente assegurada!

A nova direcção do Sindicato dos Operários das Carnes Verdes no Porto, sob os auspícios do nosso jornal A Batalha, não só pela defesa que tem sustentado em prol de todos os oprimidos — como pelo seu 5.º aniversário, e sauda também os camaradas Manuel Joaquim de Sousa e Manuel da Silva Campos, vítimas da Hespanha reaccionária e ditatorial. O 1.º Secretário da Direcção, Manuel Pinheiro.

Desterro de Bragança, em 28 de Fevereiro de 1924. Jornal A Batalha, Lisboa. — Do incompleto ordenado, que neste desterro me dão para meu sustento, envio a quantia de dez escudos, em vale de correio, dádica que ofereço a esse jornal.

Que êsses escudos que envio, sirvam na luta travada entre o Povo e os políticos correcionais e criminosos, como se fossem balas explosivas. E' este o meu maior desejo, e a mais grande vontade com que os ofereço. — Alfredo de Sousa Azevedo, voluntário, ferido da Guerra.

Do Grupo Dramático de Belém e da Secção Mista do mesmo bairro da Juventude Sindicalista recebemos officios em que nos termos mais entusiasticos se sauda A Batalha pela passagem do seu 5.º aniversário.

**Solidariedade**  
Comunicamos aos presos sindicaisistas revolucionários de Monsanto, terem recebido da Associação de Classe do Pessoal da The Anglo Portuguese Telephone Company Limited, a quantia de 30000, que foram distribuídos pelos camaradas não confederados.

**Caderneta achada**  
Foi entregue nesta redacção por um camarada que a achou no Largo das Côrtes, a caderneta confederal do operário refinador de açúcar José Esteves Galvão, a quem convidamos a vir buscá-la.

**APOLO** Telefone N. 4129  
TODAS AS NOITES, às 9,30  
A peça triunfante — A peça sem rival  
**Fruto Proibido**  
NÚMERO DE SENSACÃO  
A ama (Julia de Assunção) pergunta o que lhe quer e o meninoberra: — Eu quero ser presidente. Eu quero ir para Belém, ... e rebelem as mais estrepitosas gargalhadas  
ENORME ÊXITO com as musicas vivas e os retortos do regente da FILARMONICA NACIONAL.  
A única peça que a todos agrada. — Que todos devam ir ver. — Que tem alegria, encanto e seducções.

## A ASSOCIAÇÃO

Foi por todos abdicarem, limitando-se a tudo esperar da providência do Estado, que o país desceu até onde desceu; quando afinal todos deviam procurar restringir a acção do Estado e substituir-se o mais possível aos poderes públicos.

Para que tal se consiga, porém, urge desenvolver a Associação. O individuo, por maior que seja o seu valor, nada conseguirá sem se associar. A acção livre e plena do individuo valoriza-se pela Associação, cuja riqueza de formas e cuja maleabilidade de adaptação cada vez se torna mais evidente.

Pela Associação, a vontade mais débil se fortifica; esforços e aptidões, que parecem insignificantes num individuo, valorizam-se, multiplicam-se, desde que esse individuo se associe.

Na Associação, todo o homem, disciplinado pela liberdade de agir, é um artifice, cada vez mais consciente do valor da sua colaboração.

Equilibram-se forças, regularizam-se movimentos, distribuem-se e applicam-se inteligentemente a energia social.

Eis o que parecem não quererem ver os nossos concidadãos.

Lembrem-se de que todo o movimento social nos povos mais cultos tende a criar dentro do Estado burocrático, um novo Estado, em que as forças são de expansão e não de compressão, e em que pelo agrupamento racional das aptidões procura atingir-se o mais aperfeiçoado grau de progresso politico e económico.

Por outro lado, é urgente considerar que a providência do Estado não é remédio útil à imprevidência dos individuos.

A integração dos individuos em grupos superiores de coesão e estrutura jurídica definidas, e consequentemente o desenvolvimento pleno das Associações; propiciará todas as reformas no devido tempo, evitando os sobressaltos e os abalos que resultam sempre dos movimentos irreflexos, que se produzem, quando cada qual se lembra de inventar reclamações ou fazer propostas fáceis de ganhar aplauso da demagogia, mas sempre desastrosas nas suas consequências quando realizadas.

Dr. João de MENEZES

## ASSOCIAÇÃO DE CLASSE

— DOS —

## INSCRITOS MARITIMOS PORTUGUESES

Esta associação, em assembleia geral do dia 26 de Fevereiro de 1924, resolveu por unanimidade o seguinte:

1.ª, Que a escala de embarques seja mantida com regularidade;

2.ª, Fazer a publicação destas resoluções no jornal A Batalha durante 6 dias;

3.ª, Dar o devido conhecimento à Federação Marítima para que a mesma intervenha quando o delegado da classe o julgar necessário para completa solução dos conflitos que se deem com as casas armadoras;

4.ª, Que todas as cédulas devam dar ingresso no Sindicato desde já;

5.ª, Que os componentes deste Sindicato não devam pedir lugar a bordo com as cédulas em seu poder;

6.ª, Esta entrará em vigor após 6 dias da publicação no jornal.

## Ribeiro dos Invalidos do Trabalho

Movimento do mês de Fevereiro de 1924

Receberam-se os seguintes legados: De Sr. Bento da Rocha Cabral, 5.000\$00 nominativos de inscrições e do Sr. Joaquim José da Silva, 3.000\$00 em dinheiro. Também se receberam os seguintes donativos: do Sr. José Félix de Castro, 600\$00; da Companhia da Roca Saudade, 330\$00; da Companhia da Roca Angra Toldo, 340\$00; da Companhia Colonial Portuguesa, 330\$00; do Sr. Adriano Júlio Coelho, 2.000\$00; do Sr. António Teles Machado, 500\$00; do Sr. Aguiar Limitada, 200\$00; do Sr. Visconde de Soares Franco, 500\$00; do Baúco Espírito Santo, 100\$00; do anónimo X, 200\$00; de Isidoro de Oliveira & C.ª Irmão, 100\$00; de J. Franco de Matos, 500\$00; da Sociedade de Agricultura Colonial, 200\$00; do Sr. Augusto de Jesus Oliveira, por intermédio do «Diário de Notícias», 330\$00 e da Associação dos Pescadores de Lisboa, 250\$00.

Em cumprimento da lei da desamortização, foram vendidos em hasta pública, quatro prédios que o Albergue possuía em Lisboa, produzindo a quantia global de 144.310\$00, que deram entrada na Caixa Geral dos Depósitos, para serem convertidos em fundos do Estado a favor desta instituição.

## OURIVESARIA E JOALHERIA

Santos Catita, Ld.ª

R. de Santo Antão, 44

e R. da Boa Vista, 22

GRANDE sortido em joias com pedras finas, objectos de ouro e prata para brindes e relógios das melhores marcas. Compram por alto preço ou ro prata, platina e joias.

## VIDA POLITICA

Partido Comunista. — Para tratar de assuntos inadiáveis reúne hoje, pelas 21 horas, no local combinado, a Comunidade Tiberio Graccho, do Beato e Oliveira, devendo comparecer todos os filiados.

## Vida Sindical

## CONVOCAÇÕES

S. U. Mobiliário. — Comissão administrativa. — Reúne hoje, pelas 20,30 horas, esta comissão, com a presença de todos os seus componentes.

— A' manhã, reúne a assembleia geral, pelas 20,30 horas, para continuação dos trabalhos pendentes.

São convidados todos os camaradas que possuem listas pré-grevistas de Cezimbra, a fazer a sua entrega o mais breve possível.

Condutores de Carroças. — Reúne hoje, pelas 20 horas, a comissão administrativa, pedindo-se a comparencia de todos os cobreadores, quer ao domicilio ou por coheira, para se tratar de assuntos inadiáveis.

Fragateiros do porto de Lisboa. — Reúne hoje a assembleia geral, pelas 18 horas, para serem tratados assuntos de interesse para a classe, devendo comparecer todos os novos corpos administrativos e os associados que foram eleitos para o ano corrente.

## SINDICATOS

## DA PROVINCIA

Trabalhadores Rurais de S. Marcos. — Reúni a assembleia geral em 24 do corrente, sendo apreciado o balanço geral do ano passado que foi aprovado por unanimidade. Foram igualmente lidos e apreciados o inventário do que existe no sindicato e o balancete de Janeiro, sendo igualmente aprovados.

Apreciou-se uma circular da Federação a propósito do próximo congresso corporativo a realizar em Santarém. Depois de ser lavrado um enérgico protesto contra a ditadura, foi eleita a nova direcção para o corrente ano.

Falaram vários camaradas sobre a situação actual dos trabalhadores, fazendo sentir a imperiosa necessidade de todos se conservarem unidos para impedir que as classes predominantes consigam ver satisfeitos os seus desejos.

Sindicato U. da C. C. de Almeida. — Em assembleia geral occupou-se do aumento de salário para toda a industria, tendo sido resolvido enviar as circulares aos membros de obras.

Falou João Caldeira, delegado da Federação, que se alargou em considerações sobre o rubricamento da organização.

Protestou contra a prisão de Manuel da Silva Campos e Manuel Joaquim de Sousa, presos em Sevilha à ordem de Primo de Rivera. Por último foi abordado os prencípios da ditadura militar, que foi unanimemente combatida e o officio à Câmara sobre algumas propriedades que se encontram em ruína.

## AS GREVES

Gráficos das Casas de Obras

Continuam a manter-se em greve os tipógrafos das officinas Portugal-Brasil, Rosa, Lda e Anário Commercial.

Vermos, se após a época de regabofe carnavalesco, o bom senso voltará aos espiritos dos respectivos industriais, a fim de cedermos aos seus operários, o que nunca lhes deviam ter negado, a única maneira de serem solucionados estes conflitos, que muito mais que aos operários, deve estar prejudicando as empresas.

Operários da fabrica de calçado «Elite»

Reúniram ontem os delegados da Federação que entrevistaram a direcção da fabrica sobre a solução a dar ao conflito. Apreciaram a resposta a essa entrevista, em que fazem uma nova oferta, resolvendo convocar os grevistas a reunir hoje, pelas 14 horas, para resolver qual o caminho a seguir.

## AGRADECIMENTO

Joaquim Justino e Emilia Rosa, veem pelo presente tornar publico o seu profundo reconhecimento para com o ex.º sr. dr. Eduardo Rocha Schiappa Monteiro, distinto medico-cirurgião desta cidade, pela maneira prolixe e dedicada com que tratou seu filho Joaquim, na pertinaz doença, agravada pelo conjunto de meningite, infecção intestinal e bronquite, de que vinha sofrendo, salvando-lhe a vida no momento em que outros seus colegas haviam prognosticado uma perda irremediável. A testemuha-lhe o seu homem apreço como médico e como homem aqui fica exarado o nosso agradecimento.

De igual modo se confessam reconhecidos a todos os camaradas e amigos que pela saúde do mesmo se interessaram.

## Mano postal

Cabeço de Vide — Ass. dos Rurais. — Recomendamos o caso da cobrança ao pessoal da estação postal.

Covilhã. — M. Azevedo Boto e M. Duarte Almeida. — Seguem novamente para o correio os recibos das vossas assinaturas, é favor não os deixarem vir devolvidos sem pagamento.

Alparca. — (Vale de Cavalos) — M. M. Fração. — Ainda esperamos pela liquidação do vosso débito de 173\$00.

Benavilla. — José R. Dias. — Vai ser suspensa a remessa por falta de pagamento.

Chaves. — Sind. Const. Civil. — Vai postal com o vosso débito; aguardamos sua liquidação.

Elvas. — J. M. Pinto. — Aguardamos resposta ao nosso postal sobre o vosso débito.

S. Tiago do Cacém. — O agente continua sem liquidar. Precisamos arrumar o caso.

## Ecos do Carnaval

Ontem visitou-nos a menina Vitória Cardoso Mendes, de 3 anos, filha do operário pintor Joaquim Rosa Mendes, que envergava um traje muito interessante, enfeitada com vários números de A Batalha.

Também nos visitaram um grupo que desempenhava um episódio social, de que era autor Francisco Santos e director Manuel Sariva, e a paródia «O casamento do Manuel do Tojal», da autoria de Alfredo Paiva.

## Teatro Nacional

## HOJE

não há espectáculo para descanso dos artistas

Telefone Norte 3049

## Secção naturista

Causas e efeitos da embriaguez que convém meditar

Dá-se o nome de alcoolismo ao conjunto de accidentes morbidos produzidos pelo abuso das bebidas alcoólicas.

A embriaguez, ou intoxicação aguda pelo álcool, é o resultado immediato da ingestão excessiva de bebidas espirituosas.

Após esta ingestão, a face torna-se vermelha e o olhar brilhante; a circulação do sangue accelera-se, o calor aumenta, e manifesta-se a excitação geral. Ao mesmo tempo, a intelligencia estimula-se, esquecem-se os pesares, o gesto anima-se, a palavra é fácil e as ideias succedem-se rapidamente.

E' o chamado periodo de excitação. Depois vem a vertigem; as ideias confundem-se, chocam-se e tornam-se incoerentes; a razão cede o lugar ao delirio; o olhar é desviado e embrutecido; as palpebras tendem a cerrar-se, e o individuo, o doente, não tem consciencia de coisa alguma; pratica actos desassossegados, violentos e até crimes, sem saber o que faz, sem que a sua vontade para isso contribua.

Este delirio de acção é quasi sempre provocado por ilusões sensoriais ou por alucinações; com efeito, o embriagado, cujas faculdades estão completamente transformadas, julga que o escarnecem, que o insultam e que o ameaçam, e, sem saber o que faz, sem que a sua vontade para isso contribua.

Logo de entrada, Vieira faz três defesas apertadas que mereceram aplausos. Prevê-se uma «debacle», embora extemporaneamente.

Crespo, diante das rdeas espanholas, rematou por alto, perdendo a melhor occasião de marcar.

A seguir perdem-se duas novas occasiões, uma delas resultante dum centro de Moraes.

Enervamento na assistência; algumas apoplexias.

Artur sai do campo, por se ter magoado num pé.

Um homem a menos!

O Benfica desenvolve agora o melhor jogo que exhibiu durante todo o desafio. Barroso, ao lançar-se ao chão para repellar a bola, magoa-se na cabeça.

O ponta direita espanhol centra; oportuna intervenção do centro, que obtém a primeira bola.

E o jogo desenvolve-se ora num campo ora noutro, até o fim da primeira parte.

A segunda parte constituiu a «debacle» anunciada de começo. Muito pontapé para a frente e pouca combinação. A última meia hora foi de domínio sobre o Benfica, no qual a defesa foi a única que trabalhou bem.

O futebol praticado em demasia constitui um crime

Já mais de uma vez temos aqui dito e não é demasiado repeti-lo que o desporto em Portugal é nada, sem que, para fazer tal asserção, sejam necessárias comparações com países mais adiantados. O desporto em Portugal cifra-se na pratica, desordenada quasi sempre, do futebol. Não há corredores, não há saltadores, não há nadadores. Nestas especialidades encontra-se uma meia dúzia de entusiastas, que apesar de sua boa vontade e qualidades muito apreciáveis, nada representam, dado o seu numero restrito.

A última prova realisa, o cross-country de «Os Sports», conseguiu, no tem bem, reunir 31 inscricões. A partida alinham 28 concorrentes; 28 concorrentes numa cidade de mais de 600.000 habitantes! É confrangedor!

Poder-se-iam apresentar inúmeros exemplos de provas semelhantes realizadas no estrangeiro, em que os concorrentes se contam por centenas sem que tenhamos de recorrer ao cross organizado por «L'Auto», que teve 1500 concorrentes, apresentando dois exemplos eloquentes:

O campeonato de Paris de cross-country realizado em 17 de Fevereiro, reuniu a partida 600 concorrentes.

O campeonato feminino de Paris de cross-country, que se realizou em 16 de Dezembro passado, teve 84 concorrentes, isto é, precisamente o triplo do numero de concorrentes à prova de «Os Sports».

Temos de colocar o desporto masculino em Portugal no mesmo pé de igualdade do desporto feminino em França, pois que a uma prova organizada para mulheres appareceram para cima de oitenta concorrentes, enquanto que a uma prova similar para homens organizada em Lisboa concorre a insignificancia de trinta candidatos.

E note-se que a França é um dos países em que o desporto não progride e em que os jornais da especialidade clamam continuamente contra a falta de preparação.

Aqui em Portugal as atenções voltam-se exclusivamente para o futebol. Toda a gente conhece os chamados azes, dedicam-lhes uma attenção especial, seguem-lhes os jogos cuidadosamente, na sua apontam-se aos amigos e conhecidos: aquele é «fulano», o back d'este ou daquele clube, a maior parte das vezes num desejo exhibicionista dos seus proprios conhecimentos. Raros são os que conhecem os nossos corredores, nadadores ou saltadores.

Se, porém, um foot-baller toma parte, por acaso, num concurso atlético, mesmo que ele não consiga fazer coisa de geito, isto é, classificar-se bem, logo os entusiastas citam o seu nome como o de um grande homem, por que pratica, antes de tudo o futebol e foi nele que criou o seu nome.

E' tempo já de marcar o fim do reinado do futebol. E' tempo de affirmar bem alto esta grande verdade: o fu-

## SINTRA

## Agradecimento

Emelinda Cazul e filhos agradeceram as pessoas que acompanharam no dia 2 de Fevereiro à sua última morada, seu marido e pai Alexandre Aleixo Cazul.

## Teatro Nacional

## Amanhã

a ardilosa e alegre comédia

## Carta anónima

Tradução dos escritores Ernesto Rodrigues, Félix Bermudes e João Bastos

## DESPORTOS

## Nova derrota do Benfica

O Athletic vence de novo o Benfica, por 2-0

O Sport Lisboa e Benfica sofreu ontem a sua segunda derrota, infligida pelo Athletic de Madrid. Achámos que o Benfica perdeu no seu primeiro jogo porque assim convinha e conjecturamos que o Athletic teria a sua desfora, empregando-se a fundo, para apagar a primeira derrota. Verificou-se a nossa parte das nossas conjecturas, a qual consistia na vontade que os «rubros» poriam na luta. Essa vontade é que resultou nula, pois que o Benfica, especialmente na segunda parte, em que iniciou o jogo do «pontapé para a frente», jogou mal, isto a par de algumas deslizes que lhe não ficam bem.

A linha do Benfica estava assim formada: Vieira; Adão e Pimenta; Fernando, Vitor Gonçalves e Vitor Hugo; João Moraes, Simões, Ribeiro, Crespo e Artur Augusto (que entrou depois do inicio do jogo).

Logo de entrada, Vieira faz três defesas apertadas que mereceram aplausos. Prevê-se uma «debacle», embora extemporaneamente.

Crespo, diante das rdeas espanholas, rematou por alto, perdendo a melhor occasião de marcar.

A seguir perdem-se duas novas occasiões, uma delas resultante dum centro de Moraes.

Enervamento na assistência; algumas apoplexias.

Artur sai do campo, por se ter magoado num pé.

Um homem a menos!

O Benfica desenvolve agora o melhor jogo que exhibiu durante todo o desafio. Barroso, ao lançar-se ao chão para repellar a bola, magoa-se na cabeça.

O ponta direita espanhol centra; oportuna intervenção do centro, que obtém a primeira bola.

E o jogo desenvolve-se ora num campo ora noutro, até o fim da primeira parte.

A segunda parte constituiu a «debacle» anunciada de começo. Muito pontapé para a frente e pouca combinação. A última meia hora foi de domínio sobre o Benfica, no qual a defesa foi a única que trabalhou bem.

O futebol praticado em demasia constitui um crime

Já mais de uma vez temos aqui dito e não é demasiado repeti-lo que o desporto em Portugal é nada, sem que, para fazer tal asserção, sejam necessárias comparações com países mais adiantados. O desporto em Portugal cifra-se na pratica, desordenada quasi sempre, do futebol. Não há corredores, não há saltadores, não há nadadores. Nestas especialidades encontra-se uma meia dúzia de entusiastas, que apesar de sua boa vontade e qualidades muito apreciáveis, nada representam, dado o seu numero restrito.

A última prova realisa, o cross-country de «Os Sports», conseguiu, no tem bem, reunir 31 inscricões. A partida alinham 28 concorrentes; 28 concorrentes numa cidade de mais de 600.000 habitantes! É confrangedor!

Poder-se-iam apresentar inúmeros exemplos de provas semelhantes realizadas no estrangeiro, em que os concorrentes se contam por centenas sem que tenhamos de recorrer ao cross organizado por «L'Auto», que teve 1500 concorrentes, apresentando dois exemplos eloquentes:

O campeonato de Paris de cross-country realizado em 17 de Fevereiro, reuniu a partida 600 concorrentes.

O campeonato feminino de Paris de cross-country, que se realizou em 16 de Dezembro passado, teve 84 concorrentes, isto é, precisamente o triplo do numero de concorrentes à prova de «Os Sports».

Temos de colocar o desporto masculino em Portugal no mesmo pé de igualdade do desporto feminino em França, pois que a uma prova organizada para mulheres appareceram para cima de oitenta concorrentes, enquanto que a uma prova similar para homens organizada em Lisboa concorre a insignificancia de trinta candidatos.

E note-se que a França é um dos países em que o desporto não progride e em que os jornais da especialidade clamam continuamente contra a falta de preparação.

Aqui em Portugal as atenções voltam-se exclusivamente para o futebol. Toda a gente conhece os chamados azes, dedicam-lhes uma attenção especial, seguem-lhes os jogos cuidadosamente, na sua apontam-se aos amigos e conhecidos: aquele é «fulano», o back d'este ou daquele clube, a maior parte das vezes num desejo exhibicionista dos seus proprios conhecimentos. Raros são os que conhecem os nossos corredores, nadadores ou saltadores.

Se, porém, um foot-baller toma parte, por acaso, num concurso atlético, mesmo que ele não consiga fazer coisa de geito, isto é, classificar-se bem, logo os entusi







